

A Instauração do Sentimento de Culpa em O Mal-estar na Civilização

Marcela Barbosa Leite
AESGA

Resumo - O artigo aborda a análise feita por Freud em *O Mal-Estar na Civilização* sobre a origem do sentimento de culpa no homem. Mostra a culpabilidade como um mecanismo utilizado pela civilização para domar a agressividade humana.

Palavras-chave - mal-estar, civilização, agressividade, sentimento de culpa, ego, superego.

Abstract - *This article approaches Freud's analysis on the source of man's guilt feeling in Civilization and its Discontents. It shows guilt as a mechanism that was put in use by civilization to overcome human aggressiveness.*

Key words - *discontents, civilization, aggressiveness, guilt feeling, ego, superego.*

... essa tendência à agressão, que podemos perceber em nós mesmos e cuja existência supomos também nos outros, constitui o fator principal da perturbação em nossas relações com o próximo; é ela que impõe tantos esforços à civilização (S. Freud, em Mais Além do Princípio do Prazer)

De início surge-nos uma questão: O que é *mal-estar*? De onde ele vem? O que ele anuncia ou denuncia? De que quer falar?

Poderíamos supor que o mal-estar surge quando se nos impõe uma situação de desconforto, de constrangimento, diríamos, de impasse. Algo que não sabemos bem a que relacionar, não obstante, não se desprende de nós.

Ao analisar os conflitos enfrentados pelo homem no processo civilizatório, Freud empregou a expressão "*mal-estar*": *mal-estar na civilização*. Por que "*mal-estar*"? Alguns estudiosos comentam que ele hesitou muito ao escolher o título do seu trabalho. Inicialmente, Freud pensou em *A Infelicidade na Cultura*, depois sugeriu à sua tradutora para a versão inglesa *O Desconforto do Homem na Civilização*.

Segundo Peter Gay, "quer anunciasse secamente o seu argumento no título ou o atenuasse ligeiramente com um circunlóquio de aparência mais branda, Freud estava abordando a miséria humana com absoluta seriedade"¹. De fato, é um tema difícil, pesado, que trata do trágico, da destruição, do destino cruel da humanidade. Mas, por que será que

¹ GAY, Peter. *Freud – uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.493.

Freud insistiu em considerá-lo supérfluo, banal? Por que a ele apresentou insegurança e dúvida quanto a necessidade real do seu trabalho, tendo, inclusive, dito ter desperdiçado tinta e tempo para falar o que todos, segundo ele, já sabem?... Talvez, a sua dificuldade como sugere Eugène Enriquez, decorra de seu mal-estar ao se confrontar com suas próprias descobertas.

É sobre uma destas descobertas, o sentimento de culpa, que iremos falar neste trabalho. Veremos, nas páginas que se seguem, como Freud situa, em *O Mal -Estar na Civilização*², a origem da culpabilidade na história da humanidade e, a partir daí, o que sobrevém ao homem civilizado no plano de sua vida psíquica, como também no âmbito da cultura na qual está inserido.

Cabe-nos, então, perguntar: o que todas estas descobertas teriam de ameaçadoras? Talvez o fato de indicarem que “a civilização é em grande parte responsável por nossas desgraças”³, que ela nos oprime, e nos obriga a nos anularmos como indivíduos, se quisermos sobreviver. A civilização surge, pois, como um “compromisso” imposto ao homem: ele renuncia às suas satisfações pulsionais, e a civilização, por sua vez, o protege das forças da natureza, ao mesmo tempo que proporciona às *organizações regulamentadas necessárias para ajustar as relações dos homens entre si*.

Este, portanto, é o panorama central da civilização que Freud nos apresenta em sua obra: a luta travada entre *Eros* – o amor, a pulsão de vida – e *Thânatos* – a morte, a agressividade – que, em *O Mal-Estar*, é uma das vias de expressão da pulsão de morte. De um lado está *Eros* – que almejaria “combinar indivíduos humanos separados, depois famílias, e depois ainda, raças, povos, nações, numa única grande unidade, a unidade da humanidade”⁴ e,

² Escrito em 1929, nove anos antes da morte de seu autor, esta obra é considerada uma das mais sombrias ao lado de *O Futuro de uma Ilusão* (1927) por denotar o forte pessimismo de Freud. Segundo Peter Gay, isto se deve muito provavelmente à grande crise econômica mundial, ou seja, a grande depressão econômica que também se iniciava em 1929. Além disso, havia, como agravante, o câncer nas mandíbulas que já o atormentava. Polêmico, é tido como um livro não apenas de Psicanálise mas também de Sociologia ou Antropologia.

³ FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 105.

⁴ FREUD, S. *op. cit.* p. 144 e 145. O trabalho de *Eros* é precisamente este: o de ligar libidinalmente os homens, comunitariamente, entre si dada a necessidade e as vantagens que o trabalho em comum promove. Isto é o ideal mas, para Freud, *Eros* pode também, assim como *Thânatos*, destruir os interesses da civilização, devido à sua tendência, no caso do amor sexual (uma das faces de *Eros*), de isolar dois indivíduos (o casal de amantes) libidinalmente satisfeitos em si mesmos. Diz Freud: "Quando um relacionamento amoroso se encontra em seu auge, não resta lugar para qualquer outro interesse pelo ambiente; um casal de amantes se basta a si mesmo; sequer necessitam do filho que têm em comum para torná-los felizes. Em nenhum outro caso *Eros* revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único; contudo, quando alcança isso da maneira proverbial, ou seja, através do amor de dois seres humanos, recusa-se ir além". Sobre isso, cf. FREUD, S. *op. cit.* p. 129.

de outro, temos, *Thânatos* que ostentaria uma “hostilidade de um contra todos e de todos contra um”⁵, pondo fim aos fundamentos da civilização.

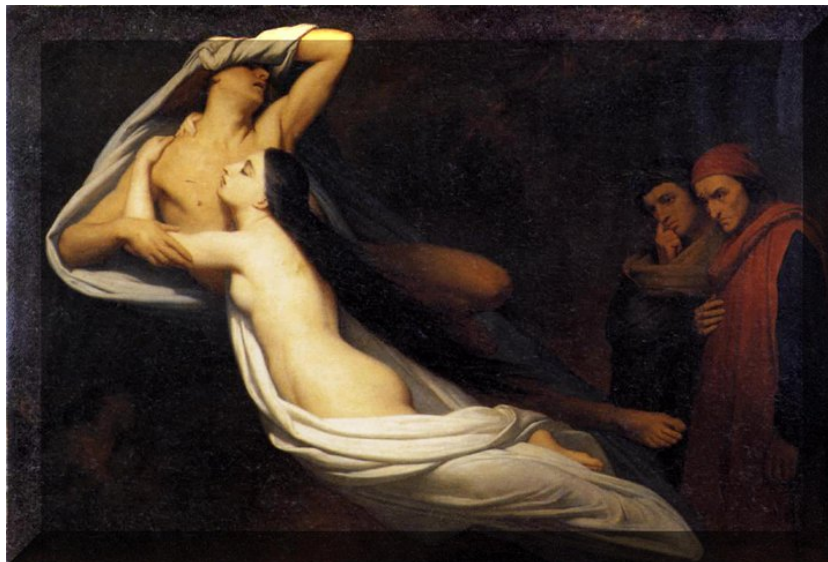


Figura 1: *Eros e Thánatos*

Freud, assim, constata em *O Mal-Estar* que, a fim de lidar com a agressividade do homem, a civilização impõe certos mecanismos como, por exemplo, o incentivo aos relacionamentos e às identificações mútuas, isto é, as relações de amizade (mas para isso, inibe a libido em seu fim sexual) e o mandamento cristão do amor ao próximo⁶. No entanto, a civilização não pode simplesmente fazer “evaporar”, como um passe de mágica, toda a agressividade. Assim, por um lado, ela se esforça por inibir as manifestações da pulsão agressiva entre os seus membros, fortalecendo o vínculo entre eles, mas, por outro lado, se utiliza de agressão contra outros grupos estrangeiros dignos de todo o ódio e desprezo⁷. Além disso, a civilização reserva para si o direito de punir os seus membros ao se colocarem contra o regime por ela imposto. Retomando o pensamento de Thomas Hobbes que afirmou ser “o homem o lobo do próprio homem”, Peter Gay ressalta que:

na falta de coerções irresistíveis, a humanidade está fadada a mergulhar numa guerra civil perpétua, na qual a vida é solitária,

⁵ FREUD, S. *op. cit.* p. 145.

⁶ Recomendo a leitura da severa crítica lançada por Freud a este mandamento. Num desabafo de quem sofreu na pele o desamparo e a hostilidade por pertencer a um povo excluído - o judeu -, sua crítica revela a expressão mais crua de seu pessimismo quanto ao destino da humanidade. cf. FREUD, S. *op. cit.* p. 130 a 132.

⁷ O que Freud denominou de *Narcisismo das Pequenas Diferenças*. O exemplo mais patente disso, no tempo de Freud, foi a perseguição aos judeus de que ele próprio foi vítima. Contra o povo judeu era permitido ser lançada toda a agressividade, sem culpa alguma.

pobre, grosseira, brutal e de curta duração. A humanidade só entrou em relações humanas civilizadas por meio de um contrato social que conferiu o monopólio da coerção ao Estado⁸.

É no capítulo 7º do *Mal-Estar* que Freud chama a atenção para um outro mecanismo, talvez o mais importante, utilizado pela civilização para controlar o desejo de agressão no homem: a instauração do sentimento de culpa. Ele se daria de tal modo que a agressividade, introjetada pelo indivíduo, é assumida por uma parte do ego, o superego, que se coloca contra o resto dele. O Superego, assim, dirige para o ego toda a agressividade que gostaria de descarregar contra os outros. É este conflito entre o ego e o superego que vai compor o sentimento de culpa. A civilização, portanto, instalando no interior do indivíduo um guardião, um vigia do qual nada lhe escapa, pode conseguir domar suas pulsões agressivas.

Neste sentido, quer o indivíduo renuncie à satisfação de suas pulsões, quer não, vai sempre correr o risco de se sentir acometido por este sentimento de culpabilidade. Isso porque ele tem uma dupla origem: uma *origem externa* e outra *interna*. A origem externa refere-se ao pai, quando a criança, diante dele ou de quem é dependente, evita fazer o mal, ou seja, renuncia às suas satisfações pulsionais temendo perder o seu amor e, por conseguinte, sentir-se ameaçada de desproteção. Porém, não elimina o desejo de fazer o mal, desde que o pai não venha a descobri-la e castigá-la.

Ao internalizar a hostilidade que gostaria de dirigir ao pai, privador da satisfação dos seus desejos, a criança introjeta também esta autoridade externa ao se identificar com ela, dando origem ao superego - *origem interna* da culpabilidade. É somente agora que podemos falar da



Figura 2 – O Id e o Superego (Phil Kirkland, 1971)

⁸ GAY, Peter. *op. cit.* p. 495.

existência do sentimento de culpa. O temor passa a ser do superego, a autoridade interna, da qual nenhum pensamento, nenhum desejo lhe é ocultado⁹.

Acontece, então, que enquanto a autoridade externa – o pai ou a pessoa que cuida – insiste na renúncia às satisfações pulsionais – e se isso ocorre não há o que temer –, a autoridade interna – o superego –, vai muito mais além: pune o indivíduo até pelos desejos proibidos, atormentando-o com o sentimento de culpa.

Assim é que, se por um lado, as renúncias pulsionais são causas da ação do superego, por outro, cada nova renúncia efetuada aumenta a severidade do superego, que exige ainda mais renúncias. Não há conciliação possível: quanto mais se renuncia ao desejo, mais ele ganha força e maior ainda é a crueldade do superego e maior será também o sofrimento sob a forma de sentimento de culpa.

Na concepção de Freud, o sentimento de culpabilidade, dá origem a um outro fundamento: a necessidade de submissão. E Freud recorre à pré-história do homem, partindo de uma analogia entre o desenvolvimento individual e o desenvolvimento filogenético para chegar à compreensão de que os conflitos existentes no indivíduo são, de alguma maneira, uma repetição dos conflitos primordiais da civilização. Após assassinares o pai da horda, por ser o detentor único de todo o poder e de todo o gozo, isto é:

... depois que o ódio foi satisfeito pelo ato de agressão, com o remorso dos filhos, o amor veio para o primeiro plano, dando origem ao superego pela identificação com o pai (devorado); foi dado a esse agente o poder paterno, como uma punição pelo ato de agressão que haviam cometido contra aquele, e foram criadas as restrições destinadas a impedir uma repetição do ato¹⁰.

O assassinato do pai teria sido o fator desencadeante do sentimento de culpa, e, como uma espécie de “herança”, o desejo de agressão ao pai persistiu ao longo das gerações, persistiu também o sentimento de culpa devido a *cada parcela de agressividade que era reprimida e enviada ao superego*. Surge, então, dada a ambivalência amorosa em relação ao pai, a necessidade de submissão e o pai retorna, agora, sob a forma de divindade (Totem ou Deus).

Podemos dizer, desta forma, que o sentimento de culpa nasce como expressão do conflito pulsional e impera tanto na vida inconsciente do indivíduo como na vida social. É ele

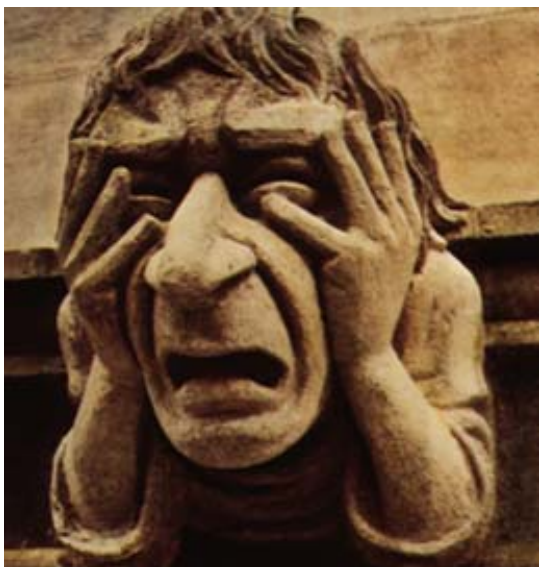
⁹ Cf. FREUD, S. *op. cit.* p. 151 e 152.

¹⁰ FREUD, S. *op. cit.* p.156.

que funda a civilização – que “só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa”¹¹. Como nos fala Renato Mezan:

a culpabilidade interiorizada representa a garantia mais perfeita de submissão, dispensando as instâncias coatoras do exército de uma violência ostensiva. E isto tanto no nível individual, em que o superego assume a função de sentinela interior, quanto no nível social, em que se reproduz de geração em geração a mesma culpabilidade inconsciente, fundamento último da coesão social¹².

Aqui, chegamos a uma questão essencial embora não pretendamos aprofundá-la neste trabalho: a de que a necessidade de submissão seria um modo de expiação de culpa inconsciente (individual e cultural) que levaria os indivíduos à busca de um ideal de ego, um objeto onipotente, substituto paterno perante o qual possam manter a ilusão de que *cada membro da comunidade é amado com igual amor* e, não obstante, (possam) ser *dominados e*



mesmo maltratados.

A civilização, portanto, exige da humanidade grandes sacrifícios, que estão relacionados não somente à restrição da sexualidade, mas principalmente, às suas tendências agressivas. Eis porque, para Freud, a civilização não é mais do que a expressão da *luta da humanidade pela vida*, numa guerra sem fim entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, *Eros e Thânatos*.

E o que nos resta... o mal-estar... a culpa! Este sentimento difuso, desordenado, mal-localizado que o

homem só pode tentar remediar.

Figura 3 – A culpa

REFERÊNCIAS

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado - Psicanálise do Vínculo Social*. Trad. Teresa Cristina Carneiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.

¹¹ FREUD, S. *op. cit.* p.157.

¹² MEZAN, Renato. *Freud – Pensador da Cultura*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 493.

- FRANÇA, Maria Inês. *Psicanálise, Estética e Ética do Desejo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GAY, Peter. *Freud - Uma Vida Para o Nosso Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MEZAN, Renato. *Freud - Pensador da Cultura*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.